



Toponímia urbana da região do Imbirussu, Campo Grande/MS: registros ontológicos e cartográficos de áreas toponímicas¹

Urban toponymy of Imbirussu region, Campo Grande/MS: ontological and cartographic records of toponymic areas

Letícia Barbosa da Silva CAVALCANTE²
Aparecida Negri ISQUERDO³

RESUMO: Este trabalho discute tendências temáticas evidenciadas na microtoponímia dos aglomerados urbanos (bairros e parcelamentos) e dos logradouros (ruas, avenidas, travessas...) da região urbana Imbirussu da cidade de Campo Grande/Mato Grosso do Sul. Essas tendências foram representadas por meio de mapas conceituais (ontologia) e de cartografia de áreas toponímicas sistemáticas e sistêmicas da região em análise. O estudo parte de um recorte da pesquisa de Cavalcante (2016), vinculada ao projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS), que teve como fonte de dados os Arquivos Vetoriais sobre o planejamento urbano, disponibilizados pelo Grupo de Informática e Geoprocessamento da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano, da Prefeitura Municipal. O *corpus* foi composto por 927 topônimos que nomeiam os sete bairros que compõem a região do Imbirussu; os 99 parcelamentos e os 821 logradouros que integram a região. A análise embasou-se nos princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Toponímia, em especial no modelo teórico concebido por Dick (1990a; 1990b; 1996a, 1996b; 1999; 2002-2003; 2004). A pesquisa demonstrou que o recorte toponímico estudado aponta, dentre outros aspectos, para a identificação de áreas de motivação antroponímica, de designativos nacionais e internacionais transplantados e de topônimos relacionados à flora e à fauna.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia urbana. Campo Grande. Áreas toponímicas.

105

¹ Este artigo discute parte dos resultados obtidos pelo projeto de pesquisa *Léxico toponímico urbano na cidade de Campo Grande/MS: região do Imbirussu*, que resultou na dissertação de Mestrado de Letícia Barbosa da Silva Cavalcante, defendida em 2016, no Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo. Pesquisa realizada com recursos da CAPES/Bolsa de Demanda Social (2015-2016).

² Instituto Federal do Mato Grosso do Sul – IFMS. Campo Grande – MS – Brasil. E-mail: leticia.cavalcante@ifms.edu.br

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Campo Grande – Mato Grosso do Sul – Brasil. CEP: 79070-900. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: aparecida.isquerdo@gmail.com



ABSTRACT: This work discusses the thematic trends evidenced in the microtoponymy of urban agglomerates (districts and allotments) and public roads (avenues, streets, crossings...) of Imbirussu, urban region of the city of Campo Grande, Mato Grosso do Sul State, Brazil. These trends were represented through conceptual maps (ontology) and cartography of systematic and systemic toponymic areas of the study region. The study is based on the research of Cavalcante (2016), connected to the Project Toponymic Atlas of the State of Mato Grosso do Sul (ATEMS) which had as data source Vector Files on urban planning, made available by the Computer and Geoprocessing Group of Local Department of Environment and Urban Development (SEMADUR), Campo Grande City Hall. The study corpus was composed by 927 toponyms that name seven districts which make up Imbirussu region; 99 allotments and 821 public roads that are part of the study region. The analysis was based on the theoretical and methodological principles of Lexicology and Toponymy, especially in the theoretical model conceived by Dick (1990a; 1990b; 1996a, 1996b; 1999; 2002-2003; 2004). The research pointed to, among other aspects, the identification of toponymic areas of anthroponymic motivation, national and international transplanted designations and toponyms related to flora and fauna.

KEYWORDS: Urban toponymy. Campo Grande. Toponymic area.

Introdução

Ao longo de sua existência, o homem tem se valido do acervo vocabular da língua para nomear seres e lugares. Interessa à Onomástica o estudo de duas categorias de nomes próprios, os de pessoas, que são estudados pela Antroponímia, e os de lugares, objeto de estudo da Toponímia. O léxico toponímico, mais do que designar locativos, fornece suporte linguístico que permite o resgate de aspectos da história de um povo, razão pela qual pode ser tomado como veículo transmissor de informação e de ideologia. Isquierdo (2008, p. 36) pontua que a história das palavras caminha muito próxima à história de vida do grupo que dela faz uso e observa nos topônimos a confirmação dessa tese, uma vez que "a ação de atribuir um nome a um lugar corporifica uma soma de diversificados fatores – linguísticos, étnicos, socioculturais, históricos, ideológicos – do grupo que habita o espaço geográfico tomado como objeto de investigação". A toponímia é também um meio de conservação linguística, à medida que elementos formadores da língua de registro e até formas linguísticas de línguas de povos que habitaram a região em tempos remotos são cristalizados por meio dos topônimos.

O objetivo deste trabalho é discutir tendências temáticas evidenciadas na microtoponímia dos aglomerados urbanos (bairros e parcelamentos) e dos logradouros (ruas, avenidas, travessas e praças) da região urbana Imbirussu da cidade de Campo Grande, tomando como referência a interrelação léxico, cultura e sociedade e, por extensão, destacando a interface entre a toponímia e fatores históricos e socioculturais. Essas tendências foram representadas por meio de mapas conceituais (ontologia) e de cartografia das áreas toponímicas delimitadas na região em estudo.

Bases teóricas e metodológicas

Considerando os objetivos deste estudo, buscou-se respaldo teórico-metodológico na Linguística, em especial nas ciências onomásticas, teorias sobre a



Toponímia, especialmente a concebida pela toponimista brasileira, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990a; 1990b; 1996a; 1996b, 1998; 1999; 2006).

Partilha-se aqui a concepção de Toponímia como “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente” (DICK, 1990a, p. 36) e que considera a Toponímia como um campo de estudos multidisciplinar que extrapola o campo linguístico, propiciando articulações entre linguagem, história, sociedade, cultura e identidade.

O sintagma toponímico, concebido como o resultado da relação binária entre o acidente geográfico (elemento determinante) e o topônimo (elemento determinado), é o objeto de estudo da Toponímia:

[...] depreendem-se dois dados básicos, um, que se convencionou denominar *termo ou elemento genérico*, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o *elemento ou termo específico*, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes (DICK, 1990b, p. 26).

Em termos de estrutura, os topônimos são classificados segundo a sua formação: a) o topônimo ou o elemento específico simples: “aquele que se faz definir por um só formante, seja substantivo ou adjetivo, de preferência, podendo, contudo, apresentar-se também acompanhado de sufixações (diminutivas, aumentativas ou de outras procedências lingüísticas)”;

b) o topônimo composto ou elemento específico composto: “aquele que se apresenta com mais de um formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, às vezes, formações inusitadas que, apenas a história local poderá elucidar, convenientemente” e c) o topônimo híbrido ou elemento específico híbrido: “aquele designativo que recebe em sua configuração elementos lingüísticos de diferentes procedências: a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa” (DICK, 1990b, p.13-14). Os topônimos híbridos podem ser simples quando a um radical é acrescido um afixo de outra língua, como ocorre, dentre muitos casos, com *Capãozinho*, que resulta da base *capão* do tupi combinada com o sufixo *-zinho* do português. Já em *Capão Bonito* ocorre um composto híbrido por resultar da junção de dois formantes: *capão* (tupi) e *bonito* (português).

Já para a análise semântica, Dick (1990b, p. 31-34) concebe uma taxionomia com base na análise do topônimo (significado do item lexical elevado à categoria de topônimo), priorizando o ponto de vista sincrônico, razão pela qual aspectos diacrônicos como o levantamento histórico acerca da origem dos topônimos são reservados para estudos pontuais e específicos acerca de cada nome. O modelo elaborado pela toponimista contempla a realidade da toponímia brasileira, considerando as diversidades geográficas de um país com dimensões continentais, e reúne 27 taxes, 11 que se relacionam ao ambiente físico, taxionomias de natureza física, e 16 taxes que remetem ao homem e a sua relação com a sociedade e a cultura, logo, de natureza antropocultural (DICK, 1990b, p. 31-32).

A abrangência dos estudos toponímicos é destacada por Isquierdo (2008, p. 36), ao apontar aspectos que são considerados nesse tipo de pesquisa: linguísticos



(etimologia, base linguística dos elementos formativos do nome, estrutura formal do sintagma toponímico, classificação taxionômica) e extralinguísticos (causas denominativas que impulsionaram o denominador no ato da nomeação). A potencialidade dos topônimos é também um dos aspectos evidenciados por Dick (1990a, p. 21):

Exercendo na Toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal.

Como uma crônica, a toponímia possibilita o resgate histórico e cultural de povos, apresentando-se como campo fecundo de pesquisa de grande notabilidade, principalmente, a partir da segunda metade do século passado.

Universo pesquisado

108

De acordo com a divisão territorial do Brasil (IBGE, 2017), a localização geográfica do município de Campo Grande⁴ está assim situada: grande região Centro-Oeste do Brasil; estado de Mato Grosso do Sul; região geográfica imediata Campo Grande e região geográfica intermediária Campo Grande.

Conforme a Lei Complementar n. 74, de 6 de setembro de 2005, que dispõe sobre o ordenamento do uso e da ocupação do solo no município de Campo Grande, a cidade de Campo Grande é dividida em sete regiões: Centro, Segredo, Prosa, Imbirussu, Lagoa, Bandeira e Anhanduizinho. A região urbana do Imbirussu é composta por sete bairros⁵: Nova Campo Grande, Núcleo Industrial, Panamá, Popular, Santo Amaro, Santo Antônio e Sobrinho.

⁴ A fundação do povoado *Arraial do Santo Antônio de Campo Grande* deu-se em 1872. Em 1889 foi criado o distrito pela Lei n. 792, de 23/11/1889 com a denominação de *Campo Grande*. Foi elevado à categoria de vila pela Resolução Estadual n. 225, de 26/08/1899, e à condição de cidade pela Lei Estadual n. 772, de 16 de julho de 1918, ambas com a denominação de Campo Grande. A criação do estado de Mato Grosso do Sul elevou a cidade ao *status* de capital de estado, o que foi concretizado em 11 de outubro de 1977, pela Lei Complementar n. 31.

⁵ Em Campo Grande, conforme a Lei Complementar n. 74, de 6 de setembro de 2005, bairros são “áreas pertencentes às Regiões Urbanas organizadas para qualificar as condições de trabalho, circulação, recreação, moradia e as relações de cooperação em todos os tipos de atividades de vizinhança” (Art. 4º, VIII) e parcelamento, “qualquer divisão do solo, com ou sem abertura de vias de circulação, que resulte em novas unidades imobiliárias” (art. 4º, XLVIII).



Metodologia

Como fonte primária de dados, foram utilizados os Arquivos Vetoriais sobre o planejamento urbano da cidade de Campo Grande/MS, disponibilizados pelo Grupo de Informática e Geoprocessamento da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (SEMADUR), da Prefeitura Municipal. Foram levantados, catalogados, analisados e registrados em quadros toponímicos, elaborados com base da ficha lexicográfico-toponímica de Dick (2004), os topônimos que compõem a microtoponímia dos sete bairros, dos 99 parcelamentos e dos 821 de logradouros. A tabela, a seguir, reúne dados quantitativos relativos aos 920 topônimos que compõem a tessitura toponímica da região em estudo, distribuídos por parcelamento e por logradouro, no âmbito de cada um dos sete bairros que compõem a região urbana do Imbirussu.

Tabela 1– Número de topônimos por parcelamento e por bairro da região do Imbirussu, Campo Grande/MS

Bairros	Número de topônimos/parcelamentos	Número de topônimos/logradouros	Total
Nova Campo Grande	14	145	159
Núcleo Industrial	06	76	82
Panamá	18	119	137
Popular	12	157	169
Santo Amaro	18	136	154
Santo Antônio	10	76	86
Sobrinho	21	103	124
Topônimos transversais ⁶	-	09	09
Totais	99	821	920⁷

Fonte: Cavalcante (2016, p. 96).

A Tabela 2, por sua vez, traz o detalhamento dos 821 topônimos dos logradouros que integram os sete bairros da região urbana do Imbirussu, distribuídos conforme o acidente geográfico nomeado.

⁶ Há nove logradouros que não estão contabilizados nessa tabela (rua Dr. Euler de Azevedo, rua Duarte Pacheco, rua Jabotão, avenida José Barbosa Rodrigues, avenida Júlio de Castilho, rua Ministro José Linhares, avenida Presidente Vargas, rua Wanderlei Pavão, rua Yokoama), pois se configuram como transversais à medida que, por facultarem o acesso aos bairros, perpassam mais de uma localidade.

⁷ O *corpus* analisado foi composto por 927 topônimos, incluindo os designativos dos sete bairros que compõem a região urbana do Imbirussu.



Tabela 2 – Número de topônimos de acordo com o tipo de acidente geográfico e por bairro da região do Imbirussu, Campo Grande/MS

Bairros	Número de ruas	Número de avenidas	Número de travessas	Número de praças	Total
Nova Campo Grande	134	11	0	0	145
Núcleo Industrial	63	13	0	0	76
Panamá	106	0	13	0	119
Popular	149	4	4	0	157
Santo Amaro	120	5	10	1	136
Santo Antônio	64	3	9	0	76
Sobrinho	81	5	16	1	103
Topônimos transversais	06	3			
Totais	723	44	52	02	821

Fonte: Cavalcante (2016, p. 93)

A pesquisa que deu origem a este trabalho está vinculada ao Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul), adotando, para tanto, os mesmos procedimentos teórico-metodológicos do projeto maior. Todos os topônimos foram analisados quantitativa e qualitativamente. A análise quantitativa considerou o tratamento estatístico dos dados, expressos por meio de tabelas, gráficos acerca dos vários aspectos analisados (língua de origem, classificação taxionômica, estrutura morfológica etc.), enquanto a análise qualitativa focou o exame da motivação semântica dos designativos e a relação entre as camadas toponímicas e a história social da cidade de Campo Grande. Não se buscou apenas a motivação etimológica, pois considerou-se também o contexto social e os elementos extralinguísticos que pudessem subsidiar a explicação da origem de um topônimo. No bairro *Santo Amaro*, por exemplo, observou-se a presença de uma área toponímica formada por nomes de times de futebol (rua *Fluminense*, rua *Juventus*, rua *Grêmio*, rua *Ponte Preta*, rua *Colorado* etc.), que traduz de forma transparente a causa denominativa que impulsionou o denominador. Essa



constatação motivou o exame do conjunto de topônimos também em termos de distribuição espacial dos nomes, o que permitiu a identificação e a delimitação de outras possíveis áreas toponímicas na área estudada que são apresentadas ao longo deste texto.

Análise e apresentação dos topônimos

A análise dos dados evidenciou a produtividade de topônimos ligados a um determinado referencial, o que poderia sugerir o estabelecimento de áreas toponímicas na área investigada. Quando os topônimos de uma microtoponímia são delimitados por características bem marcadas e constata-se a manutenção de uma lógica denominativa, tem-se uma área toponímica sistemática e sistêmica (ISQUERDO; SEABRA, 2010). Neste estudo, para citar um dos casos, no parcelamento Cooptrabalho/bairro Santo Amaro, por exemplo, a temática da *flora* orientou a nomeação dos logradouros: *rua Sacumbu*, *rua Angelim*, *rua Imbúia*, *rua Cumbaru*, *rua Mangabeira* etc. Zamariano (2012, p. 94), ao tratar das possibilidades de apresentação e distribuição dos topônimos, pondera:

Em uma pesquisa sobre a toponímia de uma determinada região, os dados toponímicos tabulados podem ser exibidos tanto em forma de mapas e cartas quanto em forma de gráficos. A diversidade de temas trabalhados num atlas, seja em visão estática, de caráter dinâmico, seja em raciocínio analítico, pode recorrer aos métodos de representação oferecidos pela Cartografia temática.

Com vistas a apresentar os dados toponímicos estudados, em especial as áreas toponímicas identificadas na região do Imbirussu, neste estudo, os topônimos foram inseridos numa ontologia, ou seja, em “uma organização semântica da área objeto, semelhante ao que se entende por árvore de domínio, a diferença é que os conceitos/termos estão ali armazenados. Organiza-se uma estrutura constituída de campos nocionais, de forma que essa estrutura reflita os conceitos da área-objeto bem como as relações entre eles” (ALMEIDA; ALUÍSIO; OLIVEIRA, 2007, p. 410).

O mapa conceitual (Figura 1) foi a base para a categorização das áreas toponímicas e posterior construção da carta toponímica, pois, do ponto de vista cognitivo, as unidades terminológicas estão subordinadas a um contexto temático; ocupam um lugar preciso num mapa conceitual e o seu significado específico é determinado pelo lugar que ocupam nesse mapa (CABRÉ, 2003). É, sobretudo, em Cabré (1999) que se encontram os pilares teóricos e metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e, conseqüentemente, da ontologia. Segundo a autora (2003, p.189-190), qualquer unidade lexical tem o potencial de ser uma unidade terminológica e isto inclui os topônimos.

Assim, na análise dos dados toponímicos, à medida que os topônimos foram sendo classificados conforme o modelo proposto por Dick (1990b) pôde-se ter uma visão das tendências temáticas e, conseqüentemente, das possíveis áreas toponímicas, o que permitiu a organização das respectivas ontologias (CABRÉ, 2003). As sete

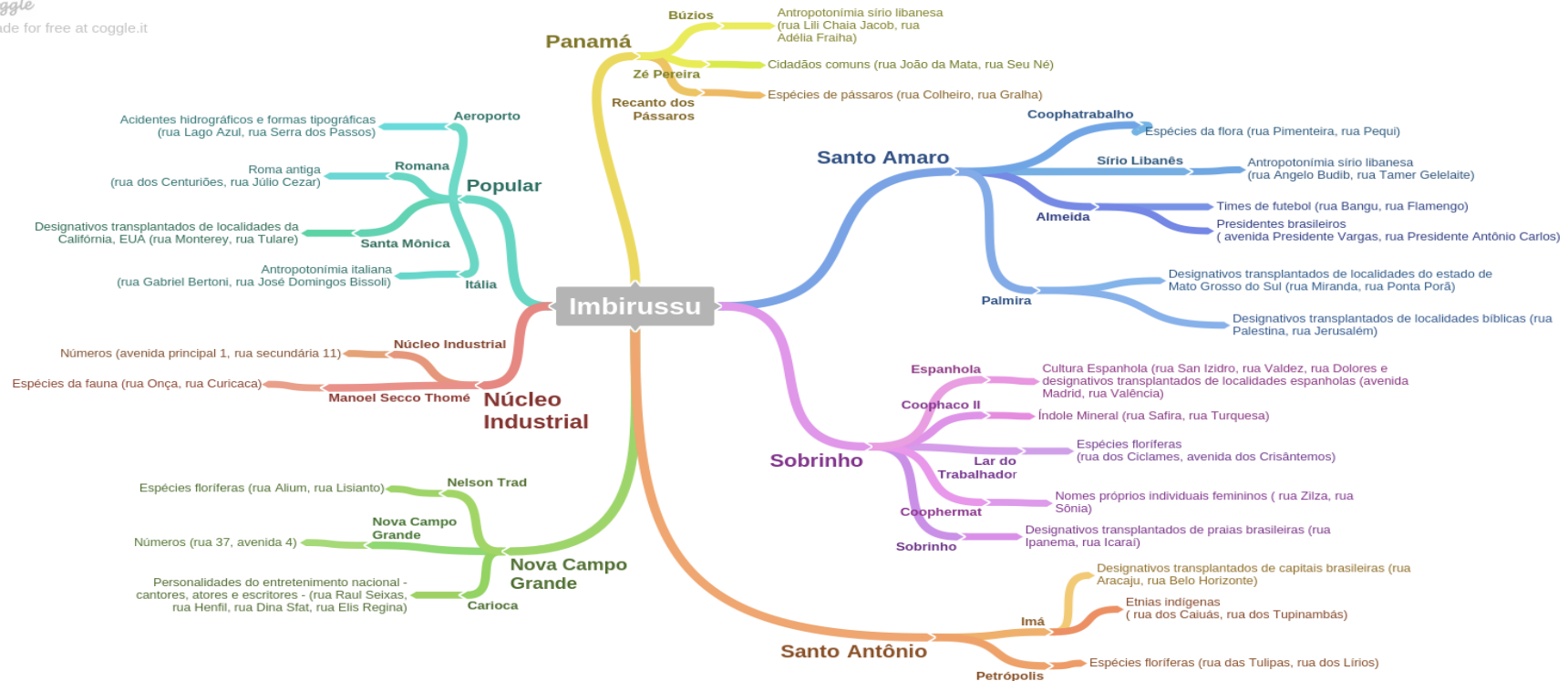


tendências temáticas evidenciadas pela toponímia da região urbana do Imbirussu, identificadas segundo a distribuição por bairros e respectivos parcelamentos, permitiram a delimitação de cinco áreas toponímicas, ou seja, a concentração e distribuição de topônimos com determinada motivação semântica e/ou origem linguística em certos espaços urbanos. Na sequência apresentam-se a Fig. 1 que contém a visualização das tendências temáticas identificadas e o Quadro 1 que traz o detalhamento dos topônimos de acordo com as áreas toponímicas delimitadas a partir das tendências evidenciadas pelos dados.



Figura 1 – Tendências temáticas da região urbana do Imbirussu, Campo Grande/MS.

coggle
made for free at coggle.it



Fonte: Cavalcante (2016, p. 246)



Quadro 1 – Áreas toponímicas identificadas na região do Imbirussu, Campo Grande/MS

Áreas toponímicas	Bairro	Parcelamento	Descrição/exemplos
Antroponímica	Popular	Itália	Antropotopônimos com um formante de origem italiana (<i>rua Gabriel Bertoni, rua José Domingos Bissoli</i>).
	Nova Campo Grande	Carioca	Antropotopônimos formados com nomes de personalidades ligadas à área artística, em nível nacional: cantores, atores e escritores (<i>rua Raul Seixas, rua Henfil, rua Dina Sfat, rua Elis Regina</i>).
	Panamá	Zé Pereira	Antropotopônimos que prestam homenagem a cidadãos comuns (<i>rua João da Mata, rua Seu Né</i>).
	Panamá	Búzios	Antropotopônimos com formantes de origem sírio libanesa (<i>rua Lili Chaia Jacob, rua Adélia Fraiha</i>).
	Santo Amaro	Sírio Libanês	Antropotopônimos que reúnem formantes de origem sírio libanesa (<i>rua Angelo Budib, rua Tamer Gelelaite</i>).
	Santo Amaro	Almeida	Antropotopônimos/axiotopônimos que nomeiam vultos históricos em nível nacional e estadual (<i>avenida Presidente Vargas, rua Presidente Antônio Carlos</i>).
Coronímica I (topônimos nacionais transplantados)	Santo Amaro	Palmira	Nomes de municípios do estado de Mato Grosso do Sul transplantados para a toponímia urbana da região do Imbirussu (<i>rua Miranda, rua Ponta Porã</i>).
	Sobrinho	Coophermat	Nomes de praias brasileiras atribuídos a logradouros campo-grandenses (<i>rua Ipanema, rua Icaraí</i>).
	Santo Antônio	Jardim Imá	Nomes de capitais brasileiras transplantados para nomes de ruas de Campo Grande (<i>rua Aracaju, rua Belo Horizonte</i>).
Coronímica II (topônimos internacionais transplantados)	Popular	Santa Mônica	Nomes de localidades da Califórnia, EUA, transplantados para os nomes de logradouros da cidade de Campo Grande (<i>rua Monterey, rua Tulare</i>).
	Santo Amaro	Palmira	Nomes de localidades do continente asiático registrados na Bíblia Sagrada transplantados para a toponímia urbana de Campo Grande (<i>rua</i>



			<i>Palestina, rua Jerusalém).</i>
Fitotoponímica	Nova Campo Grande	Nelson Trad	Nomes de espécies floríferas recuperados pela toponímia urbana (<i>rua Alium, rua Lisianto</i>).
	Santo Antônio	Petrópolis	Nomes de espécies floríferas valorizados pela toponímia da região do Imbirussu (<i>rua das Tulipas, rua dos Lírios</i>).
	Santo Amaro	Coophatrabalho	Nomes de espécies arbóreas recuperados pela toponímia urbana de Campo Grande (<i>rua Pimenteira, rua Pequi</i>).
	Sobrinho	Lar do Trabalhador	Nomes de espécies floríferas presentes pela toponímia urbana de Campo Grande (<i>rua dos Ciclames, avenida dos Crisântemos</i>).
Zootoponímica	Panamá	Recanto dos Pássaros	Nomes de tipos de pássaros brasileiros atribuídos a ruas de Campo Grande (<i>rua Colheiro, rua Gralha</i>).
	Núcleo Industrial	Manoel Secco Thomé	Nomes de elementos da fauna brasileira recuperados pela toponímia urbana de Campo Grande (<i>rua Onça, rua Curicaca</i>).

Fonte: Cavalcante (2016, p. 247), com ajustes para este trabalho.

No recorte toponímico examinado os corotopônimos representaram 17,50% do total de designativos de logradouros, destes, 30% são de base linguística indígena (*rua Macaé*⁸, *rua Taubaté*⁹). Foi recorrente no *corpus* estudado a presença de topônimos de base linguística indígena que poderiam ser classificados como corotopônimos, tomando-se por base a referência a outro designativo geográfico ou em uma taxa de outra natureza (DICK, 1990b), se o critério escolhido fosse somente a motivação semântica baseada no estrato linguístico da palavra. O designativo *Angatuba*¹⁰, por exemplo, poderia ser classificado como corotopônimo (referência ao município do interior do estado de São Paulo) ou fitotopônimo ("fruto do ingazeiro encontrado em abundância"). No caso, foi classificado como fitotopônimo, tomando como base apenas o estrato linguístico da palavra, pois não foi identificada uma área toponímica predominante no bairro.

Nesses casos, procurou-se identificar a existência de uma possível área toponímica que justificasse a classificação, como a predominância de designativos que remetesse à flora, por exemplo, ou recorrência de termos transplantados. Nessa situação específica, como não foi possível a identificação de informações extralinguísticas que justificassem a classificação, o critério adotado foi a base linguística do termo em análise.

⁸ Do tupi, "Macaé, corr. macá-é, a macaba que é doce, a macaba saborosa, o fructo agradável da palmeira, bacaba, macaba ou bocayuva, Rio de Janeiro, V. macaba" (SAMPAIO, 1901, p. 138).

⁹ Do tupi, "Taubaté, corr. taba-etê, alt. táua-etê, vila, povoação considerável; S. Paulo" (SAMPAIO, 1901, p. 153).

¹⁰ Do tupi, "inga-tyba, fruto do ingazeiro encontrado em abundância" (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 59).



Já os topônimos *Carancho e Mutum*, designativos de ruas localizadas no parcelamento *Recanto dos Pássaros*, onde foi registrado grande contingente de topônimos que remetem à fauna, mais especificamente a espécies de pássaros, foram classificados como zootopônimos, embora houvesse a possibilidade de classificação como corotopônimos, uma vez que são exemplos de nomes transplantados. Exemplificam isso também topônimos como rua *Mergulhão*; rua *Caturrita*; rua *Papagaio* etc.

Pela predominância de designativos transplantados, como *Monte Aprazível, Texas, Reino Unido, Atenas, Roda Velha* etc. no parcelamento Secco Thomé, nomes de estrato indígena (rua *Ubá*, rua *Taubaté* e rua *Criciúma*) também foram classificados como corotopônimos.

Apreende-se, portanto, a importância do levantamento de dados extralinguísticos vinculados a outras áreas do conhecimento humano que forneçam subsídios para configurações teóricas da Toponímia.

A fim de identificar o referencial lexemático do topônimo *Toró*, por exemplo, foram analisadas diferentes possibilidades:

toro [Do lat. toru.] Substantivo masculino. 1. Tronco de árvore abatida, ainda com a casca. 2. O corpo do animal privado de membros. 3. Peça de cabo náutico para desfiar. 4. Bot. A parte central, mais grossa, da membrana de uma pontoação. 5. Arquit. Moldura circular na base das colunas. 6. Geom. Sólido gerado pela rotação de um círculo em torno de um eixo que lhe é externo e coplanar. 7. Bot. P. us. Torilo. 8. Poét. Leito conjugal: “o leito pouco importa / Seja de pedra ou paina, / Rota enxerga de palha ou toro de veludo” (Alberto de Oliveira, Poesias, 3.^a série, p. 197). 9. Ant. Mar. V. toco (7).

toró¹ [Voc. onom.] Substantivo masculino. Bras. Amaz. 1. Zool. V. rato-toró. 2. Zool. V. rato-de-espinho. 3. Zool. V. sauiá. 4. Etnogr. Pequena buzina dos índios.

toró² [Voc. onom.] Substantivo masculino. 1. Bras. N.E. V. garoa¹ (3). 2. Bras. MG RJ Chuvada violenta, repentina e, ger., curta.

toró³ [De torar.] Adjetivo de dois gêneros. 1. Bras. Diz-se de pessoa defeituosa por falta de um dedo, ou da falange de um deles. (FERREIRA, 2010).

Todavia, a identificação de referenciais culturais foi fundamental para estabelecer inferências sobre o denominador, sua produção nominativa e, conseqüentemente, as decorrentes relações de significação. Apurou-se, por exemplo, que o ex-prefeito de Campo Grande, Lúdio Coelho, responsável pela nomeação das ruas do parcelamento jardim *Zé Pereira* (1993), prestou homenagem a cidadãos comuns da cidade:

E fui pondo, nas ruas, os nomes daquele povo antigo daqui: o João da Mata, o Barbosa... O Barbosa era um capangueiro que ficou doido - o Joseti. E tinha uns matadores de gente, eu pus também. Lá tem rua com nome de todo mundo. Tinha um parente da minha mulher chamado Toró, “nego” bom de gatilho, botei o nome da rua “Toró” (BUAINAIN, 2006, p. 313).

As variáveis culturais “próprias da comunidade, num determinado tempo” (DICK, 1990b, p. 1-10), neste caso específico, foram essenciais para o posicionamento e seleção do referencial de natureza antropotoponímica – alcunha *Toró* – possivelmente em decorrência de



um defeito físico (falta de um dedo, ou da falange de um deles). Outros cidadãos comuns, igualmente homenageados, foram: João da Mata, Lico Barcellos, Prudêncio Tomaz, Salvador Nagles, Seu Né, Elenir Amaral, Felipe Balbuena.

A análise dos dados apresentada no estudo que deu origem a este texto cumpriu as etapas preliminares recomendadas pela metodologia do Projeto ATEMS, à medida que elegeu a hodonímia como referencial lexemático e constatou dois principais pontos de vista do nomeador, um mais objetivo, motivado por aspectos naturais (fauna, flora, acidentes hidrográficos, formas tipográficas etc.), e outro, mais abrangente, de natureza ideológica: "homenagens políticas, devocionais ou de credos, de amizade, de respeito, de reverência filial ou familiar, enfim, de aspecto ideológico" (DICK, 2002-2003, p. 190), averiguações essas semelhantes às apontadas pela toponomista brasileira, no estudo etnotopônimo comparado entre a microtoponímia urbana carioca e a paulistana.

No mesmo trabalho a autora destaca a importância da conduta do pesquisador na orientação de uma análise toponímica.

Não basta, assim, “ler” as cartas geográficas, sincronicamente, é preciso saber interpretá-las, retirando do texto cartográfico as relações de causa e efeito, que são diacrônicas ou pancrônicas, ainda que a perspectiva do analista externo seja ética e não êmica. Conhecer o meio alógeno significa entender, primeiro, o seu próprio, na totalidade de suas condicionantes, a fim de que a visão etnolingüística se realize e se justifique (DICK, 2002-2003, p. 190).

A toponímia e a memória, ligadas à história, dizem muito acerca do espaço em que os topônimos estão inseridos (DICK, 1990a; 1996b). O resgate dessa memória faz emergir a história viva que engendrou o surgimento do topônimo; o signo toponímico, agora transparente, permite o resgate do discurso nomeante, as ideologias que o marcaram e o momento histórico da atribuição do nome. Revelam, em certos casos, fatos que extrapolam o oficial, resgatam parte da memória da população e contribuem para a valorização do sentimento de identidade, de pertencimento, figurativizada na memória individual e coletiva. O acervo da microtoponímia da região do Imbirussu retrata a riqueza de fatores históricos, sociais, culturais e ideológicos vigentes na sociedade da época em que os elementos geográficos foram nomeados, por isso representa um registro vivo da sociedade ao longo dos anos. Nas palavras de Dick (1998, p. 103):

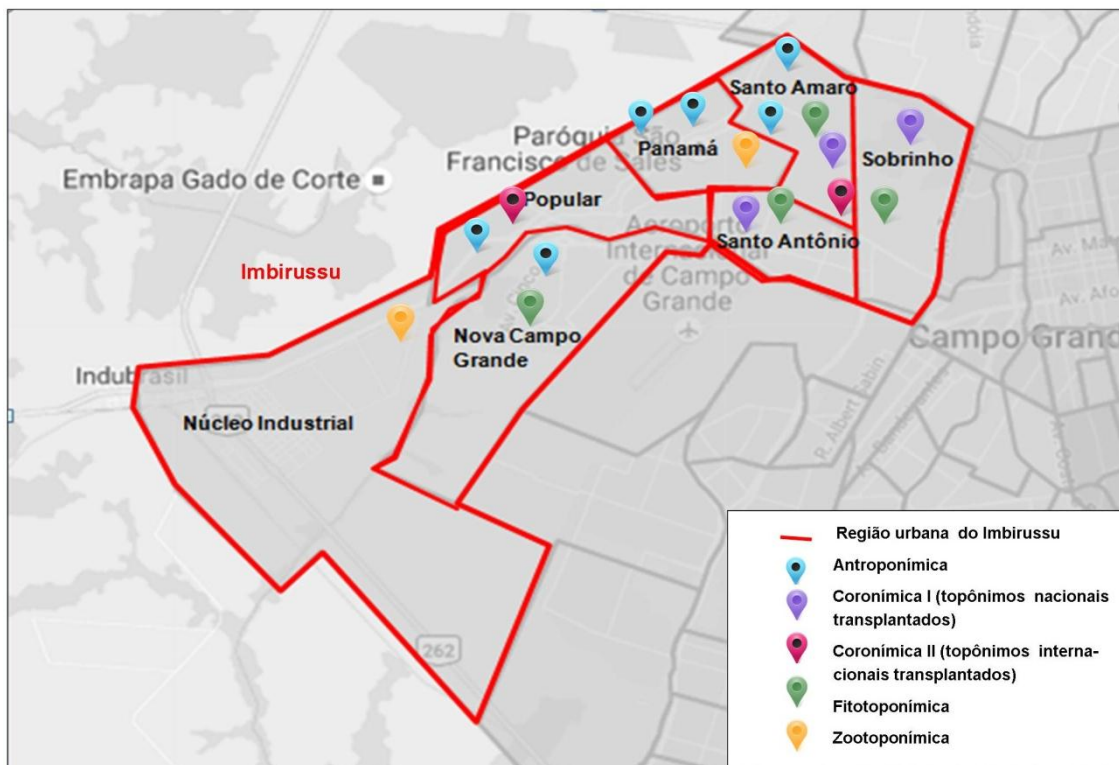
A peculiaridade do processo denominativo é exatamente a constituição dessa cadeia gerativa de enunciação, que revela contornos particulares; um denominador isolado, construtor de uma mensagem [...] interferindo em uma coletividade receptora, que passa a ser usuária do (s) designativo(s), sem que interagisse na dinâmica do processo. A adequação da escolha, que passa pelo crivo da objetividade ou da subjetividade do nomeador, ainda que inconscientemente, será sentida ou pela reação do grupo ou pela análise posterior do linguista, em uma fase posterior, distinta do momento inicial de marcação do lugar ou do batismo da pessoa.

A Fig. 2 que segue traz a carta que contém a distribuição das áreas toponímicas delimitadas (Quadro 1), no mapa da região urbana do Imbirussu, Campo Grande/MS. Para este estudo foram realizados pequenos ajustes na nomenclatura das áreas toponímicas apresentadas na carta original (CAVALCANTE, 2016), que não afetam a essência da gênese



da proposta, apenas teve como objetivo melhor detalhá-las e adequá-las aos propósitos deste texto.

Figura 1 – Áreas toponímicas da região do Imbirussu, Campo Grande/MS



Fonte: Cavalcante (2016, p.250), com ajustes para este trabalho.

Merecem aqui destaque, sobretudo, elementos de ordem histórico-social preservados pela toponímia investigada. A análise do *corpus* permitiu identificar que aspectos históricos relativos à formação e ao desenvolvimento da cidade se destacam, como, por exemplo, a construção da estrada de ferro NOB (Noroeste do Brasil), na década de 1910 (vila *Entroncamento*, rua *Agachi*) e a presença das Forças Armadas, também a partir de 1910 (avenida *Duque de Caxias*, rua *Ricardo Franco*, avenida *Marechal Hermes*) e da Aeronáutica, a partir de 1940 (avenida *Aeroclub*, vila *Aviação*, jardim *Aeroporto*).

Evidencia-se no processo de nomeação dos logradouros o registro de aspectos do processo de urbanização da capital: a divisão das fazendas em glebas (vila *Serradinho*) para formação de parcelamentos por particulares (vila *Sobrinho*, vila *Coutinho*); a presença de empresas, cooperativas habitacionais (*Coopatrabalho*, *Coopermat*, *Coophaco* e *Coophaco II Alba*); a atuação do poder público (*Lar do Trabalhador*, residencial *Nelson Trad*) e o processo de urbanização de áreas invadidas (favelas) que, posteriormente, foram revitalizadas (loteamento municipal *Jaguaribe*, antiga favela *Sandália Nova*, jardim *Sayonara* e vila *Macaé*).

O *corpus* investigado mostra ainda que muitos são os referenciais que motivam a escolha de um nome, entre eles, figuras da comunidade (vila *Secco Tomé*, rua *Vespasiano Martins*, rua *Dr. Camilo Boni*); personalidades nacionais: políticos (rua *Presidente Delfim*



Moreira, rua *Ministro José Linhares*); escritores (rua *Machado de Assis*, rua *Ulisses Serra*); artistas (rua *Raul Seixas*, rua *Elis Regina*); vegetação (vila *Cinamomo*, rua *Peroba*, avenida *dos Crisântemos*); fauna (rua *Onça*, residencial *Bosque das Araras*); atividades econômicas (residencial *dos Bancários*, rua *Copagaz*, rua *do Senai*) e religião (rua *San Izidro*, rua *Santo Amaro*, bairro *Santo Antônio*).

Independente da motivação denominativa, além de exercer a função de signo toponímico, o nome revela muito da cultura, dos valores e da visão de mundo dos que residem em determinado espaço. Os dados do *corpus* estudado indicam que as ocorrências de natureza antropocultural (75%) predominam sobre as de natureza física (25%), uma característica da toponímia urbana em geral.

Outra tendência de nomeação observada está relacionada à consagração da história individual dos loteadores ou dos donos das terras e homenagens a seus parentes por meio dos antropotopônimos (residencial *Bellinate*, ruas *Jamil Nahas*, *Jorge Nahas*, *Zakia Nahas Siufi*, situados no parcelamento *Lar do Trabalhador*).

É possível averiguar também marcas dos processos migratórios e influências étnicas ao longo dos 118 anos de colonização e miscigenação cultural, o que é materializado pela influência japonesa (rua *Tokio*, rua *Okinawa*, rua *Yokoama*); portuguesa (rua *Antônio Secco Thomé*, rua *Madera*); italiana (rua *Dr. Camilo Boni*, travessa *Padial*); espanhola (vila *Espanhola*, rua *Madrid*, rua *Dolores*); sírio-libanesa (residencial *Sírio Libanês*, rua *Fuad Gelelaite*) na toponímia campo-grandense.

Considerações finais

119

Frente à diversidade de variáveis culturais vivenciadas no contexto das grandes cidades, constantes avanços dos tempos modernos e influência cultural de outras partes do mundo, a cosmovisão que anima o denominador "só pode ser apreendida, na totalidade, através de estudos mais aprofundados de seu contexto histórico-social e psicológico" (DICK, 1987, p. 98). No caso deste trabalho, observa-se a busca pela construção de uma identidade regional, por meio da toponímia.

Os topônimos são, portanto, hábeis instrumentos de pesquisa, pois são ponto de partida para investigações que se inscrevem nos campos da Linguística, da Geografia, da Antropologia, da Psicossociologia, enfim, da cultural em geral; permitem, também, compreender aspectos da mente do denominador além de um elemento isolado, mas como projeção de um grupo social (DICK, 1987). Demonstram, pois, formas distintas de apreensão da paisagem urbana que envolve fatores distintos da maneira de ver e sentir a paisagem rural.

Isso posto, a proposta da ontologia e das áreas toponímicas enriqueceram a análise, à medida que a proposição de um mapa semântico apontou respostas para perguntas em um corpo de informação, não só relacionando conceitos e termos, mas também contextualizando-os em uma classificação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. B.; ALUÍSIO, S. M.; OLIVEIRA, L. H. M. O método em Terminologia: revendo alguns procedimentos. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). *Ciências do*



léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 1 ed. Campo Grande/São Paulo: Editora da UFMS/Humanitas, 2007, v. III, p. 409-420.

BUAINAIN, M. S. C. N. *Campo Grande*: memória em palavras: a cidade na visão de seus prefeitos. Campo Grande: Instituto Municipal de Planejamento Urbano, 2006.

CABRÉ, M. T. *La terminología: representación y comunicación*: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

_____. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. *Terminology*, v.9, n.2, p.163-200, 2003.

CAVALCANTE, L. B. S. *Léxico toponímico urbano na cidade de Campo Grande/MS*: região do Imbirussu. 2016. 272fl. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

DICK, M. V. P. A. Toponímia e cultura. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, SP, 1987, p. 93-101.

_____. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. In: *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. Tomo III. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996a, p.2389-2396.

_____. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: (1554-1897)*. São Paulo: ANNABLUME, 1996b.

_____. Aspectos de etnolinguística - a toponímia carioca e paulistana - contrastes e confrontos In: *REVISTA USP*, São Paulo, n.56, p. 180-191, dezembro/fevereiro 2002-2003.

_____. Métodos e Questões Terminológicas na onomástica. Estudo de Caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*. Recife, UFPE: v. 9, p.119-148, 1999.

_____. *Motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2ª ed., S. Paulo, Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990b.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na Onomástica Brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As ciências do léxico*: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Vol. II. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2004, p. 121-130.

_____. Os nomes como marcadores ideológicos. In: *Acta Semiótica et Linguística*. São Paulo: Editora Plêiade, 1998.



_____. Fundamentos teóricos da toponímia: estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. T. C. (org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMS, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (livro +CD-Rom. Curitiba: editora Positivo, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias: 2017* / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

INSTITUTO MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO – PLANURB. *Perfil Socioeconômico de Campo Grande*/Instituto Municipal de Planejamento Urbano - PLANURB. 21 ed. rev. Campo Grande, 2014.

ISQUERDO, Aparecida Negri et al. *Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul*. Volume I. Campo Grande: UFMS, 2011 (inédito).

_____. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Revista Prolíngua*. n.2, v.1, dezembro/2008. Disponível em: <http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2009/07/aparecida-negriisquerdo.pdf>.

_____; SEABRA, M. C. T. C. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira de Mato Grosso e Minas Gerais. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. V. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 79-98.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. Câmara Municipal de Campo Grande. Legislações. Disponível em: <http://www.camara.ms.gov.br/>. Vários acessos.

_____. *Mapoteca da SEMADUR*. Disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/egov/sisgran/geo/index.php?tabID=&campoID>. Vários acessos. SAMPAIO, T. *O Tupi na Geographia Nacional*. Memória lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1901_tupi. Acesso em 15 maio 2016.

TIBIRIÇÁ, L. *Dicionário Tupi-Português*. São Paulo: Editora Traço, 1984.

ZAMARIANO, M. Cartografiação de dados toponímicos no Brasil: perspectiva historiográfica. In: *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 14 Número Especial: 77-98. 2012.

Recebido em 30/09/2017
Aprovado em 25/11/2017